

# *COLABORAR PARA O BEM COMUM: MOVER-SE PARA AS PERIFERIAS*

Ir. Laura M. Leming, FMI

*A Irmã Laura Leming é professora associada de sociologia. Ela recebeu seu Ph.D. de Boston College. Ela ingressou na faculdade em 1999. Suas áreas de especial interesse são a sociologia de religião, as mulheres na religião e a psicologia social.*

*Conferência apresentada na União Internacional das Superiores Gerais (UISG) Roma, 11 de Janeiro de 2017*

*Original em Inglês*

## **Introdução**

Em primeiro lugar, quero agradecer o serviço que vocês generosamente oferecem às nossas congregações. Vivemos nuns tempos tão importantes para a nossa Igreja e o nosso mundo e a vida comprometida com votos tem muito que oferecer. Mas necessita-se de energia vital e generosidade infinita para cuidar e canalizar esse testemunho – por isso eu agradeço-vos pelo trabalho que fazeis cada uma de vós!

Em segundo lugar, quero agradecer-lhes pelo privilégio de permitirem-me hoje passar um dia com vocês. Dediquei-me aos estudos da sociologia principalmente para servir a família Marianista e à Igreja em geral, por isso ao estar aqui e ser capaz de compartilhar os frutos do dom da educação com a qual fui abençoada, sinto que para mim é como uma oportunidade especial de viver essa chamada. O que tenho para compartilhar é parte da minha recente reflexão e estudo na intersecção da minha disciplina acadêmica, a sociologia, e dos dois contextos da Educação Superior Católica e da Vida Religiosa, particularmente ao serviço da formação. Para a primeira parte, faremos algumas reflexões e breve partilhas, depois vou dar algumas informações sobre o que eu vejo como importante para nós, a partir de onde estamos hoje. Depois disso teremos tempo para a partilha nas mesas, seguido por partilhar com todo o grupo e do diálogo com todas.

À medida que começamos o nosso tempo de encontro, eu gostaria de envolver o grupo em duas breves reflexões e alguma partilha que espero, vos permitirá de aportar as vossas próprias reflexões para o conteúdo que vou compartilhar. A maioria de nós nesta sala estamos acostumadas à estar no meio das coisas; nós ministramos no coração de nossas congregações, estamos envolvidas com programas e pessoas que são centrais para as instituições que patrocinamos, e estamos intimamente ligadas à Igreja em todos os níveis, local, diocesano, nacional e global. Convido-vos a fazer uma pausa por um momento e pensar numa época em que você se sentia muito no centro, e era feliz por estar lá – com essa sensação de profunda conexão com a igreja e com a sua congregação. Quais foram as circunstâncias, os acontecimentos, que trouxeram esse sentimento? Onde você estava? Que sentimentos você teve? Com quem você estava? ... Vou dar-lhes dois minutos para pensar sobre isso. (Pausa) Agora compartilhe com alguém de sua mesa um pouco dessa história. (Partilha de 3 minutos)

## **Posição Social e Mudança para as Periferias**

Tempos de estar *no centro* que trazem à mente os nossos vínculos são importantes para serem recordados e saboreados. Penso que é por isso que São Marcos achou tão importante notar que Jesus chamou os discípulos sozinhos

para um lugar afastado (Mc 6,31), longe das multidões, para passar tempo juntos como uma pequena comunidade de amigos. Mas nós sabemos o resto da história – o Evangelho de Marcos é principalmente sobre estar em caminho e os muitos encontros que ocorrem. No final, a exortação final de Jesus é ir “ao mundo inteiro” e “à toda a criatura” (Mc 16,15).

Agora gostaria que refletissemos juntas sobre o imperativo evangélico e as chamadas sociais e eclesiais que actualmente estamos recebendo. Dum modo particular, essas chamadas dirigem a nossa atenção e convidam-nos à estar presentes nas periferias da igreja e da sociedade. Para sair das nossas familiares posições centrais e confortáveis e para ver o que os outros vêem. Ir. Pepa Torres colocou este desafio maravilhosamente no *Boletim* UISG 2015, na sua reflexão sobre o “misticismo das fronteiras”. Hoje eu gostaria de oferecer algumas sugestões para uma práxis de acompanhamento. Como socióloga de religião, alguns dos meus recentes trabalhos têm sido uma exploração do que chamei como “beira religiosa” – o que está acontecendo com pessoas e organizações que por várias razões mudaram-se ou foram mudadas para as periferias ou às beiras da igreja. (imagem) Pense numa roda onde todos os raios são atraídos para o centro estreito. Mas a actividade na beira, na periferia, ou em inglês, “the rim”, é o que cria o movimento para avançar a frente. O físico e editor de ciências Mitchell Waldrop diz que a beira é crítica como um “lugar onde um sistema complexo pode ser espontâneo, flexível e vivo” (1992: 12). É precisamente à essas periferias que o Papa Francisco convidou-nos e que a Ir. Sammut afirmou, fazendo-nos recordar que a vida religiosa, na sua origem, estava posicionada “nas fronteiras da igreja” (McAlwee, 2015). E assim, enquanto que iamos crescendo como uma força na igreja, as muitas instituições que estabelecemos e, de facto, o privilégio que o povo de Deus nos concedeu, atraíram-nos para os centros de poder e privilégio, a igreja e o mundo precisam que nós reivindicemos o nosso lugar nas periferias. Precisamos resistir a essa atracção para sentirmo-nos confortáveis nos nossos conventos e mosteiros e renovar os nossos esforços para envolver o mundo e testemunhá-lo com o modo que esse precisa neste século XXI.

Os sociólogos pensam que é muito importante compreender a “posição social” duma pessoa ou dum grupo. Compreendemos a posição social como contextos multicamadas que moldam as nossas perspectivas como indivíduos e comunidades – começando com a estrutura familiar, o local de origem, o período de tempo, grupo de língua, acontecimentos políticos, afiliação religiosa, realização educacional, estilo de vida – *todos* os elementos que influenciam como vemos o mundo. É importante notar que todas essas dimensões determinam o que podemos e não podemos ver desde o lugar onde estamos. Para aqueles de nós acostumados a trabalhar nos centros, pode tornar-se difícil de imaginar o que as pessoas vêem e sentem quando estão nas periferias. Quando iniciei uma nova turma de sociologia, arrangei a sala com a escultura da sagrada família no centro, coberta com um pano. Depois pedi aos meus estudantes para formarem um círculo em torno dessa e destapei a escultura. Agora esta particular obra é lisa na parte traseira assim que se você estiver olhando da parte traseira, tudo o que você vê é um longo objecto de forma triangular de cor castanho com um botão pequeno na parte superior. (Imagem) Pedi aos meus estudantes de olharem para este objecto e descreverem o que viram – sem interpretá-lo. Alguns disseram que parecia um sino. Um disse que ele pensou que parecia Darth Vader de Star Wars! Os alunos que estavam de pé na parte de trás ficaram surpreendidos quando os alunos cuja posição lhes dava apenas uma vista lateral começaram dizendo que há alguém ou algo deitado aos pés de um homem. No entanto, aqueles que podiam ver a parte dianteira da escultura rapidamente identificaram que a escultura é a Sagrada Família. Mesmo assim eu continuei a questioná-los. Como eles SABEM disso? Se eles não tivessem crescido com aquela história e vendo muitas imagens desses determinados homem, mulher e criança em particular, talvez não tivessem decidido tão rapidamente o que estavam vendo. O objectivo do exercício é demonstrar fisicamente que o que somos capazes de ver e entender depende muito de donde estamos e com quem.

Então agora um outro momento de reflexão. Pense num tempo em que o seu serviço levou-a para as periferias – para as beiras da sociedade ou da igreja, talvez para as beiras de sua própria congregação. Quais foram essas circunstâncias? Como você se sentiu? Com quem você estava? E o mais importante, o que você aprendeu? Que nova compreensão lhe trouxe, da qual você não estava ciente antes? (Pausa 2 minutos de reflexão) Agora partilhe esta experiência com uma sua companheira de mesa. (4 minutos de partilha).

Espero que esta reflexão tenha sido útil para vocês e servirá como um ponto de partida para fazer perguntas mais profundas sobre o que este tópico sugere. Como nossa vida de religiosas servidoras deve ser moldada para responder à chamada de Jesus – e a de muitos de nossos fundadores, incluindo minha fundadora Adele. Eles pedem-nos de estar dispostos a ir até os confins da terra para estar com aqueles que não estão no centro, mas precisam de ser buscados. O Papa Francisco convidou os membros da Igreja, particularmente as pessoas consagradas, a desenvolverem um “renovado impulso missionário” (*EG* Cap. 5 Sec. I) que alcance “àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais” (*MV* 15). Como directora de noviças que trabalha em formação de forma mais ampla, sempre me pergunto como ajudar as nossas jovens irmãs e irmãos Marianistas a desenvolver fortes raízes no coração da igreja e da família marianista. Mas existe também uma urgência que eles desenvolvam as habilidades e a verdadeira abertura para ministrar e aprender com aqueles que vivem nessas “franjas ultraperiféricas”. O que precisamos de fazer para que os nossos candidatos não estejam tão confortáveis nos centros, e que a nossa missão esteja comprometida?

## **Cidadania Cosmopolita “Na Primeira Linha do Social”**

Como socióloga, ofereço o conceito de “cidadania cosmopolita” para ajudar a responder à essa pergunta. “Cosmopolita” neste sentido não significa um sentido mundano de moda e riqueza. Em vez disso, significa estar confortável e sentir-se em casa em qualquer lugar do mundo que Deus ama e quer abraçar. Delanty define a cidadania cosmopolita como “ter uma preocupação com a justiça global e a solidariedade global” (2006: 45). Continuamos a ser cidadãos dos lugares onde estamos e compreendemos os desafios que enfrentam os nossos vizinhos. Mas o dom que podemos oferecer como cidadãos cosmopolitas é de estar abertos e dispostos para entender as realidades daqueles que encontramos na estrada, em todo o caminho mais além das periferias, e conhecê-los também como vizinhos. Quando nos sentimos em casa onde quer que estejamos, não somos estranhos à ninguém – verdadeiramente somos irmão e irmã de todos. Embora que individualmente possamos identificar-nos com algum lugar social onde estamos localizadas; e muitas vezes sintamo-nos mais confortáveis numa determinada região dum determinado país, o facto de pertencer à uma igreja global é um bom começo. Mas não é suficiente. Numa mensagem que o papa Francisco pronunciou à Congregação Geral dos Jesuítas no final de Outubro, ele convidou-lhes a “sair para as periferias” e a avançar para os horizontes abertos que se estão expandindo, reconhecendo que eles – e nós – somos incompletos; Nós andamos com Jesus, e vamos para onde Ele vai, mesmo quando não sabemos para onde Ele vai (Congregação Geral). Precisamos reconhecer que ao ser pessoas tão conectadas aos centros criou alguma cegueira em nós. Com o cego do Evangelho, precisamos gritar “Senhor faça que eu veja”. Existe muitas maneiras com as quais precisamos aprender daqueles que podem ver as realidades mundiais desde outras perspectivas, ao invés das que podem ser vistas por aqueles que estão continuamente roçando os ombros com aqueles no centro. Esta é uma urgência particular nesses tempos que estamos enfrentando hoje quando em muitos lugares em todo o mundo, as nossas escolhas políticas inclinam-se para à mente fechada e até mesmo nalguns casos para a xenofobia.

Quais são as habilidades que precisamos de cultivar para desenvolver uma práxis de presença no campo religioso para poder enfrentar esses desafios mundiais com abertura e confiança? Em particular, quero concentrar-me em duas, embora hajam mais do que você pode imaginar e sobre os quais podemos falar na sessão de discussão. Numa entrevista anterior com o jornalista jesuíta Antonio Spadaro, o Papa Francisco enfatizou sobre a necessidade para os religiosos de “... serem verdadeiras testemunhas duma maneira de fazer e agir de forma diferente” (Spadaro, 2014). Duas maneiras de actuar de maneira diferente são as de ser arquitectos de apreciação e diálogo inter-religioso e de modelar relações económicas baseadas na justiça ao invés do capitalismo avançado que tende a excluir grandes grupos de pessoas.

## **Valoração e Colaboração Interconfessional**

No actual clima mundial, existe muita suspeita de pessoas que são “outras”. Uma das maneiras mais convincentes para nós de dar testemunho é cultivar o dom da valoração e da compreensão inter-religiosa, juntamente com a capacidade para um verdadeiro diálogo. Em nossa situação nos Estados Unidos, existe uma urgência particular

de estarmos em solidariedade com nossos irmãos e irmãs Muçulmanos. Desde o nosso recente ciclo eleitoral, aumentaram-se os incidentes de discriminação e até mesmo de violência contra os muçulmanos, alcançando níveis muito altos que podemos ver desde o 11 de Setembro. Suponho que esta mesma preocupação é compartilhada noutros lugares também. Mas, ao mesmo tempo, mais do que nunca, existe uma grande percepção da oportunidade de construir pontes de compreensão inter-religiosa.

No *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco sublinha o imperativo do Evangelho que “*convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo em estreita e contínua interacção*” (EG 88). Noutros contextos, ele sublinhou o diálogo inter-religioso como uma forma específica dos encontros cara a cara que agora o mundo precisa. Ouça as palavras que pronunciou em Nairobi no outono de 2015:

*O diálogo ecumênico e inter-religioso não é um luxo. Não é algo extra ou opcional, mas algo essencial, algo que o nosso mundo, ferido por conflitos e divisões, precisa cada vez mais... Num mundo cada vez mais interdependente, vemos cada vez mais claramente a necessidade de compreensão, amizade e colaboração inter-religiosa, na defesa da dignidade dada por Deus aos indivíduos e aos povos e seu direito de viver em liberdade e felicidade.*

A insistência do Papa Francisco sobre os encontros de cara a cara pode referir-se ao filósofo e sobrevivente do Holocausto, Emmanuel Levinas, que sustenta que estar “cara a cara” com o outro cria uma “ansiedade pela justiça” (Tahmasebhi-Birgani, 2014). Levinas sustenta que olhar profundamente para o rosto de outro cria um laço humano que diminui a capacidade de violência. Todos nós temos experimentado o poder que as imagens de crianças sírias falecidas ou feridas tinham feito ao levantar os sentimentos de compaixão na medida que suas imagens circulavam através de mídias sociais. Mas essas imagens são, de facto, mediadoras. Podemos olhar para essas de longe e sentir-las profundamente, mas mesmo assim não arriscar o encontro pessoal. O encontro real torna-se o estímulo para o tipo de sentimento profundo que motiva a agir, ou seja, a acção direccionada à reformulação das estruturas sociais para o florescimento humano.

O mundo necessita de religiosos com grande capacidade de alcançar mais além das divisões e fronteiras – geográficas, sociais e religiosas – o que Francisco chamou de “linhas de fronteiras sociais”. Isso significa que precisamos duma educação sobre pessoas com diferentes tradições e perspectivas e procurar o terreno comum que nos permite trabalhar juntos. Aqui, em Roma, no Gregoriano, foi desenvolvido um novo curso de “Interacção Inter-Religiosa” no outono de 2016, não apenas para aprender sobre tradições religiosas, mas também para desenvolver habilidades para trabalhar juntos para resolver problemas. Eboo Patel é um sociólogo americano de religião que fez como trabalho de sua vida o desenvolver um Núcleo de Jovens Inter-religiosos para capacitar jovens adultos como líderes inter-religiosos. Assim como W.E.B. DuBois identificou “as linhas de cores” (1903) Como um problema dominante do século XX<sup>1</sup>, Patel (2012) vê a “linha religiosa” como um problema dominante do século XXI. Segundo este, o “conhecimento apreciativo” e os relacionamentos significativos são “pontos de alavancagem” para a construção de coalizões capazes de resolver os problemas que o conflito religioso e as tensões geopolíticas causam (p.88). A construção de habilidades para a colaboração entre religiões é uma tarefa para os nossos programas de formação e formação contínua.

Outra habilidade que precisamos de desenvolver é a nossa capacidade de falar com e colaborar com o crescente número de pessoas que não são religiosas, pelo menos não no sentido de reivindicar uma identidade religiosa. O Centro de Pesquisa sobre Religião e Vida Pública de Pew relata que cerca de 16% da população mundial não reivindicam qualquer religião. Entre as gerações mais jovens no Ocidente é superior a 25%, mais de 1 em cada 4. Encontrar maneiras de comunicar valores do Evangelho à todas as pessoas de boa vontade para trabalhar com eles para alcançar um mundo mais justo é um desafio contínuo.

## **Justiça nas Relações Econômicas**

Um segundo foco que eu vou sugerir para as nossas práxis de presença nas periferias é trabalho contínuo para oferecer um testemunho claro às relações justas em economia. Certamente isso não é novidade. A vida religiosa tem uma longa história de servir os pobres e ajudar as pessoas nas periferias para terem acesso aos empregos e salários significativos que sustentem a vida familiar. No entanto, as pressões econômicas globais e as desigualdades de renda são particularmente prementes nesta época em que o capitalismo sem restrições é a norma. A minha posição social como cidadã dos EUA faz me ser um pouco cautelosa aqui. As nossas recentes eleições sublinhou a necessidade de amplificar as vozes daqueles sem acesso econômico. Muitos anos atrás, Max Weber, um dos fundadores da sociologia, criticou o capitalismo americano. Ele advertiu que nos EUA “a busca da riqueza, despojada de seu significado religioso e ético, tende a se associar com paixões puramente mundanas, que realmente muitas vezes dão-lhe o carácter de esporte”. O que vemos nos países superdesenvolvidos é uma situação em que os cidadãos mais ricos têm poder econômico e a oportunidade de acumular riquezas quase como um esporte, enquanto aqueles que vivem na pobreza – às periferias - são apenas mencionados nos discursos políticos. A questão para os religiosos é em que lugar estamos nós, como nos alinhamos com aqueles nas periferias?

Ao escrever esse, a escritura de hoje para a segunda terça-feira do Advento comanda: “Clamai com grande voz... Não temais de clamar e falar às cidades...” (Is 40: 9). Em cada um de nossos lugares de origem, é crucial apoiar as políticas econômicas que protegem os pobres, que proporcionam salários dignos e estruturas fiscais que não beneficiam injustamente os ricos. Network, o Lobby Congressional das Irmãs Católicas nos Estados Unidos tomou essas políticas como uma prioridade máxima nos seus esforços para manter as demandas de um “orçamento fiel” diante do público. Elas enfatizam a ver os orçamentos como documentos morais. Enquanto que trabalham ao nível do orçamento nacional, adoptar essa visão nos nossos compromissos locais nas comunidades cívicas, bem como nas nossas congregações e famílias é uma estratégia importante. Esta é uma resposta à instrução do Papa Francisco de dizer “Não a uma economia de exclusão”. (EG: Art. 53).

Muitas de nossas congregações têm histórias convincentes no nosso passado e presente de como as nossas irmãs e colaboradores leigos trabalharam e estão trabalhando hoje para o levantar aqueles em risco no nosso mundo. Aqueles que atendem às necessidades dos outros nas nossas fronteiras problemáticas, nos centros de migrantes e refugiados, e também nos acampamentos em todo o mundo, estão nas linhas de frente social. Quando ensinamos nossos alunos a ter consciência compassiva das forças políticas e sociais que discriminam, excluem e põem em perigo, estendemos o amor de Cristo no nosso mundo. Falar e agir para influenciar as mudanças nas políticas locais, estaduais e nacionais na direcção da justiça, levará nosso tempo, nosso talento e nossos recursos. Somos desafiados à desenvolver práticas cotidianas que contribuem para o bem comum. E isso nos leva de volta à importância de conhecer nossa posição social. Precisamos identificar e analisar as estruturas de privilégio, as vantagens incorporadas que têm as pessoas no centro das coisas – benefícios da educação, das línguas, da saúde, da experiência profissional e da influência. Essas vantagens são muitas vezes tomadas como garantidas e muitas vezes não são reconhecidas. Um corolário e habilidade necessária é reconhecer e apreciar as capacidades de outros que são vistos como desfavorecidos (Sen 1999; Nussbaum 2011). Este desvanecimento das linhas que dividem os grupos abrem um espaço no qual somos mais capazes de assumir o ponto de vista do outro (Smith, 1987), um requisito para o diálogo construtivo e a empatia necessária para navegar nos desafios políticos e religiosos de nossos dias.

## **Conclusão: Viver na periferia e o poder dos votos**

Os nossos votos comprometem-nos à uma profunda reflexão sobre a nossa forma de amar, de compartilhar a criação de Deus e de escutar o espírito de Deus que se move em nós, naqueles que nos rodeiam e na sociedade em geral. Também são uma resposta profética aos sérios problemas no nosso mundo, na sua hipersexualização, no consumismo rampante e no individualismo excessivo. Levamos essas capacidades particulares quando saímos na estrada com Jesus, quando não nos afastamos de estar nas franjas mais externas. Quando estamos com aqueles que são marginalizados politicamente, economicamente, religiosamente ou por causa de raça ou gênero ou deficiência ou de qualquer outra forma, significa que estamos vivendo mesmo o nosso discipulado missionário.

Desenvolver as nossas capacidades para o diálogo inter-religioso – e o diálogo com os que não têm fé – é, como disse o Papa Francisco, uma habilidade “essencial”. No seu escrito mais recente, Eboo Patel identifica os líderes inter-religiosos como “pessoas que têm a habilidade de liderar indivíduos e comunidades que se orientam em torno da religião de forma diferente em direção à compreensão e cooperação” (Patel 2016: 10). Gastamos muita energia aprendendo a falar no centro do catolicismo e desenvolvemos perícia para isso. No século XXI somos desafiados à expandir nossos vocabulários e capacidades de diálogo que constroem pontes ao invés de paredes.

Uma segunda capacidade crítica para o serviço nas periferias é aprimorar as nossas estratégias para buscar a justiça econômica. Como Igreja universal aprendemos que a vida econômica responsável é importante em todos os níveis. As complexidades da economia global aumentaram os desafios para nós a fim de que sejamos ministros eficazes. Essas mesmas complexidades também levaram muitas pessoas à pobreza. Embora que os religiosos estão comprometidos há anos no acompanhamento, no empreendedorismo social e na advocacia econômica, estamos agora sendo desafiados à encontrar pontos de alavancagem e novas parcerias, na medida que nos relacionarmos com os efeitos do capitalismo sem restrições. As renovadas colaborações entre congregações e com as organizações governamentais e não-governamentais para resolver os problemas locais e regionais é uma boa prática emergente. Foi-nos confiado uma maneira profética de estar no mundo. Vamos à equipar-nos para oferecer os nossos melhores presentes!

## Bibliografia

- Delanty, Gerard. 2006. Cosmopolitan Citizenship, em *Public Sociologies Reader*, ed.por Judith Blau& Keri I. Smith. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- Curia geral da Companhia de Jesus. 2016. Discurso do Santo Padre Francisco aos Membros da 36ª Congregação Geral. 24 de Outubro de 2016.
- Francisco. 2015. Discurso de Encontro Ecumênico e Inter-Religioso. 26 de Novembro de 2015. No [https://w2.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151126\\_kenya-incontro-interreligioso.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151126_kenya-incontro-interreligioso.html)
- Francisco.2013. *Evangelii Gaudium*.
- Francisco.2015. *Misericordiae Vultus*: Bula da Convocação para o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. [w2.vatican.va/content/francesco/en/bulls/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/en/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html)
- Lipka, Michael. 2015. Seven key changes in the global religious landscape. *Pew Research Center*. Posted April 2, 2015. <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/04/02/7-key-changes-in-the-global-religious-landscape/>
- McAlwee, Jason. 2015. Global women religious leader asks sisters to do synod’s unfinished work. *National Catholic Reporter*. October 26, 2015. <https://www.ncronline.org/news/vatican/global-women-religious-leader-asks-them-do-synod-s-unfinished-work>
- Patel, Eboo. 2012. *Sacred Ground. Pluralism, Prejudice and the Promise of America*. Boston, MA: Beacon Press.
- Ibidem. 2016. *Interfaith Leadership: A Primer*. Boston, MA: Beacon Press.
- Sammon, Sean. 2015. Religious Life Reimagined. *America* Vol. 213 No. 6: 26 – 29 .
- Spadaro, Antonio. 2014. Despertai o Mundo: Uma Conversa com o Papa Francisco Sobre a Vida Religiosa, tradução por Donald Maldari. *La Civilita Catolica*, I: 3-17.
- Tahmasebhi-Birgani, Victoria. 2014. *Levinas and the Politics of Non-Violence*. Toronto: University of Toronto Press.
- Torres, Pepa. 2015. Existe um Misticismo de Fronteiras? *UISG Bulletin*, No. 159.
- Waldrop, M. Mitchell. 1992. *Complexity: The Emerging Science at the Edge of Order and Chaos*. NY: Simon & Schuster.
- Weber, Max. 1958. (original, 1905). *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, tradução por Talcott Parsons. NY: Charles Scribner’s Sons.

<sup>1</sup> DuBois realmente destacou este conceito cunhado pela primeira vez por Frederick Douglas 1881. DuBois denominou isso como o maior problema social do século 20.